

Os monopólios de ontem, os monopólios de hoje e a atitude dos governantes republicanos

Os republicanos que têm até agora monopolizado o poder foram os ju-
das dos seus programas—dos seus
programas espantosamente recla-
mados em dezenas de milhar du-
rante as dezenas de anos que dura-
ram as miríficas promessas da pro-
paganda. E, no tempo da monarquia,
os monopólios limitavam-se a rou-
bar os consumidores dentro da le-
tra dos contratos, nunca excedendo,
nem exagerando os poderes quasi
descrionários que possuíam para
nos meter as mãos nos bolsos.

Quando nesses grandes comícios
em que se ludibriou a alma popular
se prometia a extinção dos mono-
pólios os propagandistas davam a
impressão nítida que iam rasgar
esses contratos, considerando que
acima duma prescrição legal es-
tavam os interesses populares. Com
o advento da república esses impe-
tos revolucionários, porque não
eram sinceros, desapareceram. Os
revolucionários da propaganda tor-
naram-se homens de Estado, avisa-
dos e prudentes, tão praxistas e
conservadores como os execrados
conselheiros da coroa. A linguagem
mudou e com ela a atitude.

Alegrou-se que era necessário res-
peitar a letra dos contratos; que era
preciso suportar, com resignação,
até ao final, os monopólios a quem
começaram a chamar "a pesada he-
rança que a monarquia nos legou".

Afinal os republicanos que gover-
nam isto, desgovernando-nos a nós
e governando-se, admiravelmente a
si próprios, têm andado de braço
dado com os monopólios, dispen-
sando-lhes as protecções mais imo-
rais e escandalosas. O monopólio
dos fósforos foi abolido pelo gover-
no do sr. José Domingues dos San-
tos, mas meses depois foi restabele-
cido—restabelecido com esses fós-
foros amorfos de \$15 que acendem
difícilmente e só a medo ardem. O
monopólio dos tabacos não será ex-
tinto porque todos os partidos repu-
blicanos—excepto a esquerda demo-
crática e os radicais—estão alta-
mente empenhados na sua manu-
tenção.

Criaram-se outros monopólios co-
mo o do pão e das relações, da Moagem
com os governos ainda ontem for-
am por nós escalpelizadas duma
maneira incontrolável. A Moagem é
o mais odioso dos monopólios que
até hoje têm aparecido e é um mo-
nopólio republicano, estabelecido,

consentido e protegido por muitos
dos caudillos da propaganda.

O monopólio do gás que se ini-
ciou em 1891 só finalizará em 1951.
Há que suportá-lo ainda por 29
anos. O da electricidade embora
não exista de direito já há muito
que existe de facto. Se a guerra aos
monopólios não passasse de menti-
rosa e velhaca retórica, não tivesse
sido um fogo de artifício comício,
esse monopólio não se teria criado
de facto com a agravante de correr-
mos o perigo de, mais dia, menos
dia, o termos implantado de direito.

A protecção concedida à Com-
panhia do Gás é uma prova bem pa-
tente da traição dos republicanos
os compromissos que voluntaria-
mente tomaram com o povo. A alma
tenebrosa daquele monopólio é o
sr. António Centeno, cuja sede de
ouro o tem levado a roubar os con-
sumidores e a roubar a própria Com-
panhia do Gás, acrescentando em
alguns milhares de contos a sua
formidável fortuna pessoal, que é
uma das maiores do país, à sombra
do cargo de director que durante
muitos anos desempenhou.

A última infâmia da Companhia
do Gás—infâmia premeditada por
António Centeno ou por seus irmãos
gêmeos que por lá pulam—é esse
premeditado aumento do aluguer
dos contadores do gás e electrici-
dade, a que já nos temos referido, e
que se vingar vem a dar à Com-
panhia do Gás um aumento anual nos
seus lucros de quasi 2.000 contos!

A Câmara Municipal negou-lhe a
sua aprovação e aconselhou os con-
sumidores a não o pagar. A Com-
panhia do Gás, a pesar-dessa recusa,
não desistiu de pôr em prática essa
escandalosa manobra. Resta que os
consumidores de gás e electricidade
se mexam, recusando-se terminan-
tamente a satisfazer essa ignóbil
extorsão.

E' tempo dos consumidores sair-
em da sua inércia, deixando-se de
protestos individuais que, por serem
feitos no seio das famílias, são muito
cómodos mas são muito inúteis
porque nada evitam. Já é tempo das
vítimas duma Companhia de ladrões
se erguerem contra ela, afirmando
a sua invencível vontade em não se
deixarem roubar e espesinhar.

E ficamos hoje por aqui, mas
voltaremos a desmascarar o bando-
leirismo dum dos mais perniciosos
e execrados monopólios.

Nas infernais terras africanas agonizam os deportados que reclamam justiça!



Nas infernais terras africanas agonizam os deporta-
dos. São as vítimas do ódio da reacção capitalista, que
forçou a república a enveredar pelo caminho tortuoso do
arbitrio. São condenados à morte pelo capitalismo.

Nos matagais da Guiné, abandonados de todos os co-
rinhos, longe dos confortos da civilização, sofrem dura
expição esses homens que não chegaram a ir à presença
dos tribunais e cujo grau de culpabilidade, portanto, se
desconhece.

Suas famílias, de quem eram o único amparo na me-
trópole, choram a sua sorte e vivem na miséria. As mães
aguardam a cada instante a fatal noticia da morte de
seus filhos; as esposas não podem conformar-se com a ideia
de que seus maridos, seus companheiros queridos tombem
de um momento para o outro mordendo o pó ardente do
solo africano.

Há crianças que sofrem horrivelmente as consequên-
cias desta situação, há crianças a quem faltam os recur-
sos para se manterem, sem o auxilio de seus pais exilados.

As deportações são um crime do regime que se man-
tém contra todas as normas da Justiça. São um crime
que o proletariado não pode perdoar.

Lutar pela extinção desse crime é o sagrado dever de

todos aqueles que foram educados no culto da Verdade
e da Justiça.

Reclamemos o regresso desses homens à metrópole. A
situação que está é iníqua e não pode manter-se. Agar-
rar num indivíduo, inscrever-lhe no cadastro a afrontosa
legenda — Legionário — e sem mais forma de processo,
sem um arremedo sequer de julgamento, enviá-lo para a
Africa, para a tortura máxima, para a morte — é uma
infâmia que tanto envergonha quem a pratica como quem
a mantém.

Seria uma repugnante cumplicidade se o operariado
não se manifestasse contra as deportações feitas pela po-
lícia e consentidas pelos governantes.

Impende agora a responsabilidade das iníquas deporta-
ções sobre o actual governo chefiado pelo dr. Domingos
Pereira, o homem que depois de Monsanto não teve hesi-
tações em mandar regressar à metrópole os operários de-
portados pelo desembrismo, porque era de justiça, con-
forme então confessou.

Porque não procede agora o dr. Domingos Pereira
com o mesmo critério de 1919? Porque inventa os sub-
terfúgios dos relatórios da policia? Porque não encara a
situação de frente, como da outra vez?

PALAVRAS NOVAS, MAS PROCESSOS VELHOS

A orientação que a maioria dos organis-
mos confederados escolheu para ser seguida
pela C. G. T. continua a ser atacada pelos
partidários da I. S. V. Afirma os atacantes
que a orientação da central operária, sendo
velha, não corresponde às modalidades da
luta social contemporânea e logo, portanto,
carecem de ser actualizados os processos
de luta, as táticas e a estratégia seguida pela
organização operária nos seus movimentos
de reivindicação. Ora vamos a um pequeno
exame à tal actualização que os referidos
partidários dizem ter dado aos processos
de luta.

Da orientação da C. G. T. está tudo dito.
Ela é o resultado da prática que a luta diá-
ria nos dá, e por isso é superior às teorias
reformistas, ontem despretadas e hoje tanto
do agrado de muitos.

Da orientação que os da I. S. V. ad-
vagam já o mesmo não se poderá dizer, como
vai ver-se.

O post-guerra não trouxe a necessidade
de novos métodos de luta. Trouxe, sim,
mais foi uma desoladora tendência regre-
siva aos métodos de luta arcaicos e sedícios.
Não foi a liberdade que nasceu com o post-
guerra, foi a reacção, a tirania, a vontade
de regressar a um passado tenebroso que
ferisse mortalmente o espírito de liberdade,
que floresceu na primeira década do nosso
século e que a guerra totalmente não des-
truiu como era seu objectivo. Assim se ex-
plica que aqueles que defendem o revigora-
mento desse espírito de liberdade e a alta
noção de respeito humano fazem-no para
fazer marchar as massas operárias à con-
quista directa da sua emancipação. No en-
tanto não deixam de compreender que, para
realizar essa grande obra, não podem ser
usados processos já falidos e incapazes de
levar a bom termo essa gigantesca obra.
E por assim o compreenderem não aceitam
os processos de luta e as táticas que ontem
puzeram de parte, por falíveis, juntamente
com os defensores de agora da colabora-
ção de classes que se faz do modo mais ver-
gonhoso que pode conceber-se.

Se esta é que é a actualização de táticas,
o operariado vê claramente que ela não
passa duma burla. O movimento operário,
para salvar-se teve que pôr de parte os
processos de luta que apresentavam agora
como novos, que só servem para confundir
caracteres honestos e comprometer a acção
do proletariado, se hoje voltasse a aceitar
o que ontem desprezou, encontraria em
breve uma morte certa.

Sintese: Os detractores da orientação
sindicalista e da autonomia da C. G. T. e
dos princípios libertários, apresentam como
processos, táticas e estratégia novos, a luta
parlamentar, a colaboração com partidos
políticos, colaboração que vai até aos par-
tidos retintamente burgueses.

A guerra não modificou apenas o carac-
ter da burguesia, tornando-a de liberal em
reaccionária. Foi mais longe a sua influência:
tornou muitos libertários em conservado-
res no terreno socialista.

Silva CAMPOS

Romagem às campas dos mártires da Liberdade

O Partido Republicano Radical promove
hoje pelas 14 horas uma romagem junto
das campas dos mártires da Liberdade.

O ponto de concentração é no Rossio
pelas 13 e meia horas.

Sete anos de Presídio Militar de Santarém e mais seis de Africa por delito de cobardia moral, num país onde campeia a cobardia!

A história comovedora do presidiário que
há dias passou célebre numa das nossas crô-
nicas, põe uma nota final no quadro de
dor e de suplicio que é a vida dos infelizes
sob o peso do regulamento do Presídio Mi-
litar de Santarém. É uma página de dor
onde perpassa uma vida de sofrimento que
vem de há 7 anos e parece estender-se por
mais 6 anos. Não sendo propriamente uma
resultante do mostrengo que ontem flagelá-
mos, é, todavia, a consequência dum re-
gime de desproporção pela vida dos seres que
ligeiramente beliscam o principio da sua
omnipotência.

A personagem de hoje é um militar que
foi à França e que cometeu a gravíssima
falha de não cumprir uma ordem. Vimolo,
primeiramente, na oficina de alfaiate e mais
tarde na escola. É um tipo perfeito de pre-
sidiário. Expressão amarelada, olhar vago,
fita os estranhos com medo, não vê um
simplex relance provocar uma infracção.

Vive há 7 anos naquele antro de tortura
e de dor. Ainda não foi castigado. Ainda
não infringiu o regulamento, a pesar-dê-
se bem cruel. E porque?

Porque António Sousa Júnior—assim se
chama o paciente—perdeu toda a sensibili-
dade e tornou-se um elemento excessiva-
mente dócil, excessivamente obediente ao
miserável regulamento, no que lhe tem de
mais severo e boçal. António Sousa Júnior
não vive no presídio, disso nos convence-
mos. Vegeta apenas, de manhã à noite, na
oficina de alfaiate, submisso, resignado, in-
diferente à própria luz que o alumia. Se
amanhã lhe disserem que não pode encara-
r a luz, o desgracado, tal o pavor que lhe in-
funde o regulamento, venderá os olhos! E é
o seu recio, o seu excessivo medo pelas
torturas infligidas aos seus colegas de
prisão que o tornam um ser insensível, sem
um único sentimento de indignação por
toda a dor de que é vítima!

Mas seria a severidade do regulamento
do presídio que regenerou este desgracado,
tornando-o o obediente às leis, ao regulamen-
to, ao comandante, ao capelão, enfim a tudo
que representa respeito pelo Estado, pela
autoridade? Não!

António Sousa Júnior se é o anormal que
acabamos de revelar, não é porque a sua
condição psíquica o tivesse feito, o crimi-
noso de fácil regeneração. António Sousa
Júnior nunca foi um criminoso, nem à face
do direito jurídico, nem à face da consciên-
cia. Logo, portanto, lhe nunca podia rege-
nerar-se, tornar a ser um elemento de va-
lor em virtude dum regulamento feroz.

António Sousa Júnior não cometeu um
crime que merecesse 7 anos de presídio
militar seguidos de 6 anos de Africa. O de-
lito de que é acusado não justifica a brutal
condenação. Vais saber porque, leitor.

Um dia, em terras da Flandres, recebeu
uma ordem para marchar para um lugar
que lhe foi indicado. Era uma expedição
difícil onde a valentia devia casar-se com a
ferocidade. Era preciso ali ir, ordenava o
comando. Mesmo que lá ficasse toda a ex-
pedição não importava.

Um calafrio de medo horrorizou-o. Avan-
çar para o sítio indicado era um acto além
das suas forças, era uma heroicidade que
não comportava o seu ânimo. Teve
medo, viu que era além das suas forças
físicas e fugiu! Fugiu para não matar, fugiu
para não ser morto! O desgracado, porém,
não se lembrou que a fuga lhe daria como
premio uma condenação pesada com que
agonizaria nessa burca de fauces iracu-
das que existe em Santarém—o presídio.

Passado tempos foi preso e condenado:
sete anos em Santarém; mais seis em Africa.
O *verdictum* do júri deu como provado o
crime de cobardia moral e o António Sousa
Júnior, a pesar de filho dum oficial do exér-
cito—um coronel—foi parar à prisão.

Pedidos, solicitações, empenhos, nada
lhe valeu. O tribunal é inexorável. Não per-
doa uma falta «tão grave». No entanto,
quantos militares, talvez dos que condena-
ram o António Sousa Júnior, fugiram para
nada! Mas esses protegem-se a capa da con-
vência e do favoritismo.

Aquele simples soldado, não! A protec-
ção que lhe podia ser dispensada era o pre-
sídio. E para ali foi há 7 anos, quasi uma
vida. Aprendeu o ofício de alfaiate, sendo
actualmente o contra-mestre; aprendeu co-
mo se vive soterrado, longe do mundo, da
vida real!

Quando o encontrámos junto à escola,
aproveitando um descuido do guarda pre-
tendendo arrancar-lhe uma palavra.

Mirava-nos quasi aterrado. Quería falar-
nos, dizer-nos certamente tudo quanto vai
na alma vilipendiada por um sofrimento de
7 anos, mas tinha medo. Mirava igualmente
os guardas, não fosse infringir o regula-
mento. E só quando lhe perguntámos quan-
to tempo faltava para sair dali nós respon-
deu, produzindo uns sons quasi inarticula-
dos.

Faltam-me 4 meses para sair do presi-
dio. Irei depois para Africa...

Inquerimos depois ao nosso guia do

CRÓNICA DE VIAGEM AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DAS TERRAS DA GUINÉ

Algumas observações interessantes acerca do porto, da paisagem e do pitoresco dos costumes
COMO VIVEM E MORREM OS DEPORTADOS

Em meados de Agosto, por uma noite
abafada e quente, como o são quasi todas
as noites de Africa, deixei as tristes pen-
das de Cabo Verde e fui-me com rumo a
terras lendárias da Guiné.

Fui no «Congó», um esplêndido barco
de carga, por estarem demorados outros
paquetes da carreira. Mas nada perdi por
isso, porque o comandante, um homem
amável e ilustrado, fez-me instalar na cá-
mara, deu-me amplo e cómodo sofá por
cama, e mesa saborosa, na companhia dos
oficiais de bordo, gente leal e de boa ca-
maradagem.

De mais a mais o comandante Oliveira é
pessoa culta e viajada, de modo que nos
momentos disponíveis fazíamos grandes ca-
vacos literários sobre poetas e escritores,
coisas de arte e coisas sociais, que diluiam
a fadiga da viagem e a depressão pela tem-
peratura quente. Numa dessas noites, sem
qualquer beliscadela na disciplina, houve
guitarrada a bordo—e foram algumas horas
de encanto, em que se esgotou o repertó-
rio dos mais numerosos e conhecidos fa-
dos, evocando-se aquela pitoresca e melancó-
lica Lisboa dos boémios e descuidados.
Digam todos os filósofos, e mais o sr.
Forjaz de Sampaio, o que quiserem contra
o fado. Mas todos eles, e até o nosso cama-
rada Cristiano de Lima, que não morre de
simpatia pelas toadas da guitarra, se viaja-
sem conhecidos nestas enigmáticas noites de
Africa, sobre o alto mar, não desdenhariam
a certa altura, o sentir deslizar o navio em-
balado pelas ondas, ao ritmo dolente e me-
lodioso dum fado...

comportamento do preso. Exemplar, nos
disse, já requereu várias vezes indultos,
nunca o conseguindo por estar incurso
num delito de cobardia moral. A protec-
ção que o comandante lhe tem dispensado
não passa, afinal, da concessão de poder
ler e estudar...

Para a sua libertação, para a sua saída
nada contribuiu.

António Sousa Júnior ainda ali o deixá-
mos quando da nossa visita. Ficará ali até
que cumpra o tempo a que foi condenado
com algumas dezenas de militares que não
tiveram a sorte de responder na Sala do
Risco...

—A Guiné ainda está muito demorada,
comandante?—preguntámos no segundo dia,
pressurosos de avistar essas terras de misté-
rio.

—Tivemos de diminuir o andamento ao
navio para não se chegar de noite à entrada
do canal, que é perigosa, das mais perigo-
sas da costa ocidental...

—Mas então perigo grave?!

—Não. Apenas muitos baixos, tódo e
pouca água; a costa é pouco iluminada e te-
mos de ir fazendo sondagens. Mas não há
perigo, apenas uma questão de previdência.

E retirou-se, sorrindo confiadamente,
para a ponte do comando.

Para estes homens do mar nunca há pe-
rigo, ou pelo menos evitam de o exteriori-
zar, talvez porque a sua vida e profissão é
lidar em constante perigo!

Embora se não divisasse terra ao terceiro
dia pela madrugada certo que não deveria
estar longe, porque o calor asfixiava e eram
constantes as batéguas de água tão famosas
nesta costa. Em cima, na ponte, o próprio
comandante dirigia a manobra, e com uma
noite totalmente perdida. O barco marcha-
va vagarosamente, cautelosamente, dando
umas sete milhas; e de momento a momento
não tardava a voz do tripulante que lá ron-
dando, anunciando, alto—oito braças! sete
braças! seis! cinco! sete! seis!

Uma pena viajar assim, e muito desagra-
dável o verificar que quinhentos anos des-
pois dos portugueses ocuparem a Guiné,
apesar das suas apregoadas riquezas, ainda
a administração colonial não teve tempo e
dinheiro para falar devidamente as suas
costas e apetrechar rudimentarmente, ao
menos, os seus portos, de forma a facilitar
e estimular a navegação.

O que nos vale é a extraordinária pericia,
o arrojo heróico dos nossos trabalhadores
nauticos, dos nossos técnicos marítimos—
e dessa pericia eu fui testemunha, neste
terceiro dia de viagem para o continente
negro.

A meio da tarde, por entre chuva con-
tinua, vento e cerração, algumas sombras es-
curas, denunciaram, no largo horizonte a
terra, e pouco depois, com auxilio do óculo,
observávamos melhor o contorno das ilhas
com seu o arvoredo à flor das águas

O barco marchava serenamente, confia-
damente, por entre um constante alerta dos
rondadores. Ao largo, para a esquerda, mal
se divisa a massa azulada do arquipélago
Bijagoz; para a direita, nitidamente, recorta-
ta-se Jata, com seu vasto litoral ondulante
da plumagem verde duma paisagem vice-
jante, exuberantíssima; e na nossa frente a
ponta de Caio, pobríssimo pósto de alfan-
dega e de pilotagem, para onde o navio ca-
minha numa rota bem traçada, manobrada
com o melhor sentido e precisão.

Ao nosso encontro vem o barco do pi-
loto—um sujeito preto que pouco depois
entra a bordo trazendo ajudante, mais preto
ainda, e bagagem de aparato.

Entregues aos cuidados deste práctico se-
guimos pelo canal de Geba onde se vêem
algumas raras boias já iluminadas.

São seis horas, momento de crepúsculo e
de silêncio, em que uma melancolia enorme
parece encher o imenso mar africano. Inti-
mamente interrogo-me sobre o que poderia
ter sido, de pavor e mistério, a primeira
viagem dos portugueses que, em frágeis
barquitos, demandaram estas paragens de
lenda; e scismo nas trágicas, nas tremendas
mentiras, do complicadíssimo drama cha-
mado Civilização... Rondando o leme,
atento à manobra, severo e importante sob
as abas do seu capacete branco, o piloto
negro afecta a maior indiferença pelos eu-
ropeus.

—Chegaremos às dez horas a Bissau?—
preguntámos-lhe, querendo entreter con-
versa.

—Sim sim—respondeu-nos secamente.

—Levamos, ainda, cinco braças de água?...

—Sim sim...

—O navio vai bem?...

—Sim sim...

—Agora já é mais fundo o canal?...

—Sim sim...

Tudo sim sim, sempre sim sim, enquanto
seu olhar seco e reservado se cruzava com
o olhar sério e reservado do ajudante...

A's dez horas, efectivamente, fundamos
no porto, sob um dilúvio de água que mal
nos consentia divisar de longe algumas lu-
zes de terra, duma problemática electrici-
dade.

Já não é a hora própria para desem-
barcar. Esperemos a manhã.

Dois remadores negros, moços hercúleos,
calção curto de ganga azul, dorso nu e
carapinha ao sol, levam-nos num barquito
frágil, rezeando os músculos de aço con-
tra as correntes do rio; são dois perfeitos
exemplares da raça manjaca que fornece
os melhores marítimos da vasta Guiné, ma-
rinheiros valentes e previstos que, em ter-
ra, sabendo presentir o aproximar do tor-
nado ou do grande tufão, logo correm para
o mar afrontando o perigo e salvando a
embarcação.

Bissau, o maior empório comercial da
Guiné, está pertinho dos muros olhos; e
vista assim, a cidade neste ambiente morno,
sob chuva constante, suas casas de madeira,
a fortaleza antiga, altos pilões disputando
a luz do sol, dá-me a impressão duma oleo-
grafia velha, desbotada e húmida, que já pas-
sou da moda...

Perfeitamente ao contrário das ilhas de
Cabo Verde, não há aqui a aridez vermelha
e seca, a triste ausência de paisagem. Não
existe aqui palmo de terra que não tenha
uma árvore, um arbusto; e até onde os olhos
alcançam é toda uma mancha compacta
verdejante de palmeiras, de capim, de tar-
rafe que orla as margens do rio, sugando o
lodo, nascendo até debaixo de água.

—Mas será toda essa fertilidade deontia a
base duma exagerada riqueza atribuída à
Guiné?

Como o problema é complexo, em crôni-
cas sucessivas nós diremos o que vimos e
ouvimos.

Anotamos, porém, já de entrada, que é
importante o movimento do porto, ven-
do-se, sempre, navios estrangeiros para car-
regar, e movendo-se, aqui, alguns milhares
de tipos negros de diversas raças que vi-
vem do transporte fluvial, da carga e des-
carga do coque e de mancarra que os cam-
pos do interior despejam para seguir cam-
inho da Europa.

Ora um movimento destes, cuja impor-
tância numérica daremos com exactidão, já
pede e justifica uma cidade mais moderna
e com outras bases de salubridade.

Bissau—é certo—já não é a cidade mor-
tífera de outras eras, graças ao quinho pre-
ventivo, ao mosquiteiro e alguns cuidados
muito individuais. Mas ainda tem pântanos
e lodos perigosos; as ruas nem ao menos

são calçadas; e a maioria dos prédios, não possuem os mais elementares requisitos para habitação.

Além disto, não tem água, não tem luz, não tem exotos, não têm um hotel—empresa indispensável e certamente lucrativa! Exceção para os edifícios da alfândega, correios, Banco Ultramarino e algumas casas comerciais, pode dizer-se que tudo está por fazer. Estas faltas certo que podem atribuir-se bastante ao facto de Bissau só há pouco tempo ter uma vida municipal organizada, e muito à razão de só em 1915 ter sido feita a ocupação definitiva por Teixeira Pinto.

Antes desta data os europeus de Bissau levavam uma vida de sobressalto, constantemente ameaçados pelos papéis, raça forte, audaz e guerreira, que não se conformava com a perda do seu chão, e que bastantes vezes batia à porta da praça em caso de guerra, para repetidas surtidas que custaram muito sangue. Hoje este aspecto mudou, mas as consequências ainda se sentem no aspecto embrionário da cidade.

Mas, a par destas razões, há também que lançar em conta, como responsáveis pelo misero aspecto cidadão, erros de administração colonial, menos acertados, de longa data, que se patenteiam ao primeiro exame.

A nota mais pitoresca que se exhibe em Bissau é dada, exuberantemente, pelo tumultuar das diversas raças negras que aqui exercem a sua actividade ou indolência...

Há cerca de vinte tipos diferentes, cada um com os seus usos, costumes, linguagem vestuário e indumentária, que vai desde o nu dos homens e mulheres, apenas com uma minúscula tanga ou pequenino pano à cintura—como usam os *balantas* e *papeis*—até aos mantos bordados e flamantes túnicas ricas dos *fulas* e *mandingas*, árabes africanos.

Tudo isto, apolítico de cor, dum encanto bárbaro, cheiro de movimento e confusão, numa babel de idiomas cujos segredos só eles entendem, vale muitas crónicas e daria felizes riquíssimas a qualquer pintor, que quizesse revelar à Europa uma África inédita e maravilhosa.

Para outra vez ficará o glosear de tão curiosos motes, e antes de cerrar esta crónica quero escrever algumas palavras sobre os deportados.

Assim que cheguei pedi que me ensinassem onde poderia encontrar os deportados, para averiguar da sua situação ou reclamações. Horas depois, no novo edifício do tribunal em construção, encontrava-me com alguns deles que trabalhavam na Construção Civil, e cujos nomes já conheciam ali. Foi um largo estendal de amargos queixas.

Nunca pude ser satisfatória a condição dum deportado, mas os que ficaram em Cabo Verde estão, incomparavelmente, em melhor situação.

Aqui, aos que trabalham, o Estado nada lhes abona, a não ser a miséria enxerga onde dormem, que é do pior.

Aos que ainda não arranjam trabalho, dão-lhes dez escudos diários. Esta importância, numa região de vida caríssima e de medicação preventiva, é a miséria e o mais curto caminho para a morte.

Em geral têm aspecto gravemente doentio, esses homens com quem falei, e quasi todos afirmam que estão inocentes, não recando o julgamento.

Aqui vive a noção da morte de dois deles, que foram enviados para Bijagós. Suponho que ali devem ter, de há muito, tal notícia, possivelmente acrescida da nota de outros que devem ir morrendo aos poucos, dada a condição do clima, os descuidos de higiene e o mau passado.

Em Portugal creio que não foi ainda restabelecida a pena de morte, e se um dia o fosse certo que não empregariam este sistema...

Quisquer que possam ser os delitos violentos desses homens—delitos que eu não aprovo e com que não posso concordar—só a justiça os pode conhecer e julgar.

Afigura-se-me esta pena de morte, arbitrária e inconstitucional, o pior dos crimes.

As instituições sociais e os seus órgãos representativos, quaisquer que sejam, mesmo em face dos maiores cataclismos não podem perder a cabeça e usar, como *révanche*, das mesmas violências que usam os indivíduos. E' até nesses momentos que devem pôr à prova a sua competência e seriedade, os verdadeiros homens de Estado.

Mas, acerca dos deportados e de outros aspectos da Guiné, falaremos mais vagarosamente em crónicas sucessivas.

Setembro de 1925.

Juliano QUINTINHA

A RECONQUISTA DE XANGAI

XANGAI, 17.—Esta cidade foi ontem conquistada pela quinta vez pelas forças do general Sun-Chuan-Fang, governador militar da provincia de Shi-Kang, o qual é aliado do general Pei-Fu, o mais poderoso inimigo do marechal Shang-Tao-Ling, da Manchuria.

Os contingentes que constituíam a guarnição de Xangai eram comandados pelo general Feng-Tiam, e retiraram durante a manhã, segundo as ordens recebidas em virtude da derrota sofrida nos arredores da cidade.

Os soldados de Sun-Chuan-Fang, entraram de tarde, num efectivo de 10.000 homens ocuparam os estabelecimentos militares e as estações de caminho de ferro, e aprisionaram 200 homens do general Feng, que não retiraram a tempo. O governo de Pequim parece ter deliberado entregar ao general Sun-Chuan-Fang, o governo da provincia de Kiangsu, na qual Xangai se acha situada, a fim de remover qualquer opposição à conferência das tarifas alfandegárias, que na segunda-feira inicia os seus trabalhos em Pequim.

TEATRO HOJE
APOLLO e todas as noites
EMPOLGANTE
O SALTIMBANCO
Desempenho inigualável
-Senhores interessantes-
Elegantíssimas toilettes apresentadas por BELTA DE BIVAR
Curiosa encenação
de ARQUIO PEREIRA
"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

OS ABUSOS DA AUTORIDADE

Pai e filho, depois de ferozmente agredidos pela policia, são presos e condenados a quatro meses de prisão no tribunal dos pequenos delitos

Fôram ontem julgados no famigerado tribunal de pequenos delitos e condenados a quatro meses de prisão, dois homens a quem a policia accusou de praticarem distúrbios em Alfama, provocando a intervenção da autoridade a quem desrespeitaram. Seria justo ou injusto o procedimento da policia, prendendo, julgando e condenando, sem mais apelo nem agravo, esses dois homens, que são pai e filho? E' o que vamos apreciar, com aquela imparcialidade que pomos nestes assuntos, imparcialidade que nos tem levado a louvar os bons actos—e tão poucos são—dos agentes da ordem, e a escarpelizar os seus constantes excessos.

Anteontem de manhã, alguém nos veio informar de que falecera no hospital, vítima de uma agressão da policia da esquadra dos Caminhos de Ferro, um rapaz estivo chamado Americo Ferreira, mais conhecido pelo Americo Leão. O informador relatou-nos como se passara a ocorrência que victimara o rapaz, mas nós, desejosos de não incorrerem em deturpação da verdade, ouvimos e dispusemo-nos a ir até Alfama, investigar o facto. De tarde, eramos informados de que, afinal, o rapaz não morrera mas ficara bastante contuso e mesmo assim se encontrava com o pai, ambos presos num calabouço do Governo Civil. E de tal forma nos pintaram o quadro da agressão que mais se arreigou o desejo já sentido de irmos ouvir alguns dos moradores das ruas circunvisinhas do velho Chafariz de Dentro.

O leitor conhece o bairro de Alfama? Parece-se um tanto com aquela *cour des miralles* de que nos falam os romancistas. O ambiente ali sufoca e impressiona-nos a tortuosidade daquelas vielas com a sua casaria negra, sem ar, sem luz e sem higiene, perfeitas tocas onde se movem sombras farrapos de indumentária e farrapos físicos e morais.

A Alfama nos conduziu ontem. No largo, junto ao chafariz, abordamos uma velhota e interrogámo-la sobre o incidente que alarmara o bairro; ela olha temerosamente em redor e diz-nos:

—Olhe, senhor, ali na Parreirinha, aquela esquina, é que sabem, ali é que foi.

Divisamos a esquina dum beco, o do Espírito Santo, um portão largo e ao fundo dum pequeno pátio empedrado uma trina onde nos dirigimos.

Meia dúzia de homens, todos tipos de trabalhadores das descargas a bordo, com seus fardos de ganga, alguns enegrecidos do pó de carvão.

Umas boas tardes e a frase sacramental: «Somos da imprensa». Rodeiam-nos curiosos, e, então, expomos a missão de que vamos incumbidos.

—Os senhores podem informar-me, com verdade o que se passou aqui ontem com a policia?

Um dos circunstantes, aspecto rude, ressendo sinceridade, responde-nos solicito:

—Vou contar-lhe: Eram 8 da noite encontrava-me eu aqui, com outros fregueses e entre eles o Americo Leão e o pai. Estávamos todos socegados. O Americo e o pai conversavam, com o empregado da cozinha, quando vindo da taberna (reparar-nos então que a taberna atravessa dum outro beco) entrou um tal Rata, tipo de poucos amigos e que anda de rixa com o Leão, em attitude provocadora.

—Felizmente o Americo Leão não deu pela entrada do Rata, que passou saindo logo aqui por esta porta...

Interrompem o nosso informador, para lhe perguntarmos o seu nome. Olhou em volta de si e respondeu-nos:

—Isso não, não ponha os nossos nomes quando não somos vítimas também...

Não insistimos.

—Bem, então continue.

—Logo que saíu o Rata, parece que por combinação, vimos assomarem à porta alguns policiaes, entre eles o 1903, de nome Cesar e o 509...

—Estava a casa cercada?

—Estava...

—Mas porquê?

—O que sabemos é que em seguida, prevenido, talvez, o que iria suceder, appareceu a madrastra e a irmã do Americo que procuraram levá-lo e ao pai para fora do estabelecimento...

—E conseguiram-no?

—O primeiro a sair foi o velhote que, mal chegou à porta, ao ver o aspecto agressivo da policia, lhes disse: oh srs. guardas eu não faço mal... vou chamar o meu filho...

—Não teve tempo, porque imediatamente uma espedeira o estendeu.

—Então, e o filho?

—Espere, a scena depois foi rápida. A policia invadiu a casa e sem respeito por ninguém, nem pelo dono da casa, nem pelos gritos e rogos das duas mulheres, agarraram o Americo, arrastaram-no para a rua e então ali desancaram-no barbaramente.

—E o rapaz resistiu?

—Não senhor; caíram-lhe em cima especialmente o policia Cesar e o 509 e o primeiro, a certa altura, bradou: deixem-no fugir eu prego-lhe um tiro.

—E ele...

—Não fugiu e tantas lhe deram que perdeu os sentidos.

—Estava muita gente a assistir?

—Estava, mas a policia voltou-se e ameaçou os que presenciavam aquela selvageria; pegando depois cada um deles por um braço e uma perna do rapaz e levando-o de rastros para a esquadra, donde depois o conduziram ao hospital.

Achámos estranho o procedimento da policia e, prevenido antecedentes, perguntámos:

—Que tal é o porte do Americo? E' rapaz de trabalho ou é vulgar desordeiro?

Agora é outro que nos responde:

—O Americo Leão é um rapaz de trabalho, é estivo, incapaz, especialmente quando está em seu juízo, de ofender alguém. Não pode ver fazer pouco, seja de quem for e daí a razão de ser tido pela policia como desordeiro...

Um outro circunstante interrompe e afirma:

—O Americo nunca puxou por um fer-

ros para ninguém e a pesar-disso tem o rosto e as mãos crivados de cicatrizes de facadas...

—Mas, porque o persegue a policia?

O nosso primeiro informador, reatando: —Há tempo, houve uma desordem entre o Americo e o pai e uma policia que é vizinho deles; aqueles desarmaram-no e fugiram; foram presos, responderam e sofreram a pena. Pois daí para cá onde quer que o rapaz se encontre é provocado pelos colegas desse policia agredido, chegando até a irem provocá-lo a casa.

—Destá vez serviriam-se do Rata para o provocar; não calhou, mas mesmo assim lhe bateram.

E é assim toda a policia da esquadra dos Caminhos de Ferro?—perguntámos.

—Não senhor; o chefe é boa criatura e guardas há que nunca fizeram uma agressão. Acontece até, às vezes, em desordens que se dão neste bairro, apparecerem policiaes moderados que, sem a mínima violencia, conseguem aquietar os ânimos. Ninguém é preso e a policia é respeitada...

—De forma que...

—Os que mais se salientam são o tal Cesar e o 509.

Para fechar, perguntámos:

—Sabem que o Americo e o pai estão presos no governo civil?

—Sabemos, e sabemos mais que a policia arranjan para testemunhas de accusação três indivíduos dos menos conceituados no sitio e que são reconhecidos inimigos dos presos. Por certo que são condenados; mas, é uma injustiça!

Deixámos a «Parreirinha» insatisfeitos, pois nos apetecia ouvir mais alguém que pudesse ser tomado como mais imparcial.

Dirigimo-nos à rua da Regueira, onde reside o Americo Leão, e procurámos a opinião de algumas vizinhas.

Ouvimos um coro de imprecações contra a policia, saídas de dezenas de bocas que assomaram a vários portais.

Peregrinámos depois pelos múltiplos estabelecimentos que ali existem e sempre nos foi dito que o Americo é trabalhador e todas as suas questões são com a policia que o provoca e a quem ele não se humilha.

Na rua alguém nos informa que, já depois da agressão, o policia Cesar foi provocar a família dos agredidos, bamboaleando-se e dizendo que lhe tirassem o número para o jornal que isso para ele seriam glórias.

Ao dispormo-nos a sair, dum dos estabelecimentos tivemos um precalço: dois policiaes, informados da estada do *reporter* em Alfama, pediram-nos o cartão de que nos havíamos esquecido.

Oferecemos-nos para os acompanhar à esquadra. Fomos e ali trataram-nos delicadamente procurando desfazer ponto por ponto os informes que tínhamos colhido. Afirmaram-nos que os agredidos são mais e irrisíveis, mas, homens de trabalho.

O cabo da esquadra, atenciosamente, concordou com a nossa missão de colhermos informes precisos no teatro da ocorrência e afirmou-nos veementemente:

—O que hoje um jornal da manhã diz sobre o caso, é absolutamente falso.

—Não houve ataque à policia por nenhum grupo de desordeiros, nem houve pedradas, nem tiros da policia. Isso é mentira!

Disse-nos ainda que o Americo, sem vinho, é bom rapaz.

Ao retirarmos, alguns guardas afirmaram-nos os seus propósitos de limpar Alfama...

E nós viámos pensando que a hygiene material e moral daquele populoso bairro não se conseguirá a golpes de sabrada de quem não é civilizado, para civilizar.

E, já na redacção, confrangemo-nos o informarmos-nos de que esses dois homens, por uma rixa, por um ódio tóxico da policia, depois de barbaramente agredidos, foram condenados pelos próprios agressores em 4 meses de prisão.

E' mais um, para a já extensa história dos impunes crimes por abuso de autoridade.

LEIAM AMANHÃ O SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA

SUMÁRIO:

O politico profissional, por Bento Faria.

Carta ao sr. Governador Civil com um pedido particular, pela Voz que prega no deserto.

Exercícios militares, por Eduardo Frias.

Trabalhadores e parasitas, por Noqueira de Brito.

Regionalismo e internacionalismo, por Ferreira de Castro.

Apontamentos sobre o jornalismo, por J. B.

Ecos da Semana, por F. de C.

A Revolução na Inglaterra.

Crónica Internacional.

O que todos devem saber... (com gravuras).

Chico, Zecas & C., (com gravuras)

Quedas

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, deu entrada Fernando Temudo Vitoriano de 10 anos, filho de Manuel Joaquim Vitoriano e de Alice da Conceição Temudo, natural de Lisboa e residente na calçada dos Barbadinhos 16 porta 4, que caiu numa cocheira de um individuo de nome Afonso, na rua Pedro Alexandrino, fracturando o crânio.

—A enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José recolheu José Correia de 35 anos, pedreiro natural de Lisboa e morador na rua dos Anjos 72, 1.º que caiu de um andaime do 2.º andar do prédio 39 da Praça José Fontana, fracturando a coluna vertebral.

A CONFERENCIA DE LUCARNO

A França, a Bélgica e a Alemanha prometem nunca mais brincar às guerras

LUCARNO, 17.—Depois de ter aprovado as duas convenções de arbitragem entre a Alemanha e a Polonia e a Tcheco-Slováquia, a conferencia dos ministros dos negócios estrangeiros aprovou o texto do protocolo final dos seus trabalhos, que foram constituídos por um tratado entre a França, Bélgica, Alemanha, Inglaterra e Itália, e pelas duas convenções já citadas.

No pacto de segurança comprometem-se a França, a Bélgica e a Alemanha, com garantia da Inglaterra e da Itália, a renunciar ao recurso da guerra, e a garantir a inviolabilidade da fronteira do Reno.

O Reich renova solenemente a sua renuncia à Alsacia Lorena.

Convenções complementares acompanham o pacto rheno e estipulam que todos os vizinhos da Alemanha occidental, excepto a Rússia, se comprometem, bem como a Rússia, a submeter a arbitragem todos os eventuais conflitos.

O sr. Stresemann declarou que os delegados alemães subscreveram sincera e alegremente o protocolo final, e o sr. Briand respondeu que o gesto alemão de Lucarno deve marcar o início da era de colaboração entre a França e a Alemanha, o que foi vivamente aprovado pelos srs. Chamberlain e Vandervelde.

O sr. Briand parte amanhã para Paris, onde chegará segunda-feira.

A Alemanha entrará incondicionalmente na S. D. N.

LUCARNO, 17.—O pacto europeu de segurança, o qual garante a neutralidade das zonas desmilitarizadas do Reno, foi assinada ontem à noite pelos representantes da França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha e Itália.

Segundo o comunicado oficial, a conferencia occupa-se agora do acordo que há de conduzir à entrada incondicional da Alemanha na Sociedade das Nações, a fim de diversos parlamentos poderem ratificar o pacto e os tratados de arbitragem que o acompanham.

Os protocolos após a ratificação serão assinados em Londres no dia 1 de Dezembro e uma sessão especial da Sociedade das Nações será convocada para 16 do mesmo mês para a admissão do Reich.

Os russos não estão contentes

MOSCOW, 17.—Izvestia qualifica o pacto de Lucarno de capitulação da Alemanha e o *Journal des Operários e do Trabalho* considera-o incompatível com as relações existentes entre a Alemanha e a Rússia. —I.

APOLLO

A superior interpretação dada à peça O SALTIMBANCO, em scena neste teatro, dá occasião a fazer ressaltar o brilhantismo de algumas das suas mais trágicas scenas.

Coliseu dos Recreios

HOJE 2 sensacionais espectáculos HOJE
A's 14,30 (2 e meia)
Grandiosa "Matinée"
Programa completamente variado
A's 21 (9 da noite)

Surpreendente espectáculo
Os mais extraordinários e atraentes trabalhos DA
Grande Companhia de Circo

AMANHÃ:—Espectáculo da Moda
Estreia do notável jongleur SELBO
O Café do átrio do Coliseu é o que serve melhor e mais barato

TIVOLI

TEL. N. 5471
A's 3 h. e 8 3/4 h.

A AVÓ

Comédia dramática em 7 partes
HAROLD, NETO AMIMADO
Comédia em cinco actos, com HAROLD LLOYD

Uma cine revista
Na matiné tem entrada gratuita as crianças acompanhadas

IMPRENSA

Por motivo de mudança de residência do seu director, o semanário republicano *O Correo do Minho*, que se publicava em Viana do Castelo, inicia hoje a sua publicação em Lisboa, sob o novo titulo de *A Revolta*.

Saudando-o, auguramos-lhe prosperidade.

Journal do Comércio e das Colónias
Passou ontem o 72.º aniversário do *Journal do Comércio e das Colónias*, pelo que o felicitamos.

Queixas e reclamações

A delicadeza da policia
Jorge Guimarães sentou-se ontem, cerca das 2 horas, num banco da Avenida e, tendo adormecido, foi acordado por dois guardas civicos com fortes puxões de orelha. Como exprobase o brutal procedimento dos civicos foi ainda ameaçado de lhe acontecer pior.

E' assim a nossa policia...

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Infante Sagres» são hoje expedidas malas postais para a ilha de São Tomé, Loanda, Lobito e Mossamedes, sendo da Caixa Geral a última tiragem de correspondência às 10 horas

DESPORTOS

FUTEBOL

Como já noticiámos, inicia-se hoje o campeonato de Lisboa em futebol sendo o programa dos jogos, em harmonia com a nova regulamentação, posta em pratica pela Associação de Futebol de Lisboa, como segue:

Divisão de honra

Casa Pia A. C.-Benfica, no campo do Restelo: 1.ª categoria, às 15,30 horas, juiz o sr. Ivo Torres Sousa. Fiscais de linha os srs. Manuel Baptista Naré e Acácio Risques Pereira; 2.ª, às 13,30, juiz o sr. Alfredo Pedroso; 3.ª, às 11,30, juiz o sr. José da Costa Brito. Belenenses-Vitória, no campo do Estádio: 1.ª categoria, às 15,30 horas, juiz o sr. José Domingos Fernandes. Fiscais de linha os srs. Alberto Henriques da Conceição e Diogo Ferreira; 2.ª, às 13,30, juiz o sr. Fernando Santos; 3.ª, às 11,30, juiz o sr. Alberto Franco de Araújo; 4.ª, às 9,30, juiz o sr. Rogério Sá.

Carvalhinhos-Imperio, no campo de Palhavã: 1.ª catg., às 15,30 horas, juiz o sr. António Braz. Fiscais de linha os srs. Manuel Nascimento Rodrigues e Eduardo César da Silva; 2.ª, às 13,30, juiz o sr. Vitor Coral; 3.ª, às 11,30, juiz o sr. Casimiro Dias; 4.ª, às 9,30, juiz o sr. Octávio R. Costa.

União Lisboa-Sporting, no campo de Santo Amaro: 1.ª categoria, às 13,30 horas, juiz o sr. Salvador do Carmo. Fiscais de linha os srs. Joaquim Evaristo e Reinaldo S. Monteiro; 2.ª, às 11,30, juiz o sr. Augusto da Silva Ramos; 3.ª, às 15,30, juiz o sr. João Joaquim Tavares da Silva; 4.ª, às 9,30, juiz o sr. António Alçada Lopes.

Club [Futebol] «Os Belenenses»

Esta agremiação desportiva recebemos um cartão de livre entrada no seu campo, Estádio, gentileza que agradecemos.

No campo da Junqueira, às 10 horas, realiza-se hoje um desafio entre as 3.ªs categorias do Grupo de Futebol Nacional e do Piedade Futebol Club, sendo árbitro o sr. João dos Santos.

A II Volta de Lisboa em Bicicleta

Organizada pelo nosso colega da especialidade *O Sport de Lisboa*, que instituiu a prova no ano passado no sentido do renascimento da propaganda ciclista entre nós que estava um tanto descaída. A inscrição para esta prova que desperta entusiasmo está aberta na União Velocipedica Portuguesa das 21 às 24 horas e nos escritórios do nosso colega na imprensa todos os dias úteis das 9 às 18 horas.

A prova é dividida nas seguintes categorias:

Meninas dos 12 aos 15 anos; seniores; crianças dos 12 aos 15 anos; corredores fracos; corredores fortes; veteranos (ciclistas com mais de 45 anos), militares do exército e da armada. A taxa de inscrição é de \$500.

A inscrição de menores só poderá ser feita mediante autorização de pais ou tutores, sendo-lhes exigida a certidão de idade no caso de oferecer duvidas a idade declarada. A prova é disputada nos mesmos moldes do ano findo e sob o regulamento da U. V. P.

Divisão de Promoção Grupo A

1.ª série.—Chelas-Chelense, no campo de Chelas: 1.ª categoria, às 15,30 horas, juiz o sr. João dos Santos Junior; 2.ª, às 13,30, juiz o sr. Honório Santos; 3.ª, às 11,30, juiz o sr. Carlos Figueiredo; 4.ª, às 9,30, juiz o sr. Joaquim Nunes Sequeira Carvalho. Fôstros-Sacavenense, no campo de Marvila: 1.ª categoria, às 15,30 horas, juiz o sr. Joaquim Tomás da Costa; 2.ª, às 13,30, juiz o sr. Rui Costa; 3.ª, às 11,30, juiz o sr. Nuno de Freitas; 4.ª, às 9,30, juiz o sr. António Neves Sequeira Carvalho. Ocidental-Marvilense, no campo de Marvila A: 1.ª categoria, às 13,30 horas, juiz o sr. Mário do Couto Paixão; 2.ª, às 11,30, juiz o sr. Octávio Graça; 3.ª, às 15,30, juiz o sr. Henrique Ferreira Lima; 4.ª, às 9,30, juiz o sr. Ludovino Carvalho.

HOCKEY

A Final de Hockey em Patins entre o Benfica e o Hockey

Novamente se encontram, no rink do S. L. B., as 1.ªs categorias do Benfica e Hockey, para disputa do titulo de campeão de Lisboa, em hockey em patins, até um resultado decisivo, sendo árbitro o sr. João Monteiro.

CICLISMO

A Estafeta Ciclista Coimbra-Lisboa

E' hoje que se realiza a anunciada corrida de estafetas de Coimbra-Lisboa, organizada pela União Velocipedica Portuguesa, na qual tomam parte as «equipes» da União Futebol Coimbra-Club, Sport Lisboa e Benfica, Sport Club Conimbricense, Grupo Sport Cruz Quebrada e Club Atlético de Campo de Ourique.

A partida será dada em Coimbra pelo delegado da U. V. P. naquella cidade sr. Alberto Ferreira, às 6 horas da manhã, devendo a chegada provável do primeiro a Lisboa (Mercado Geral de Gado) ser por volta das 15 horas.

Funcionalismo Público

A Direcção da Associação de Classe dos Empregados Menores do Estado avistou-se com o presidente da Comissão Central de Equiparação de vencimentos a fim de reclamar a equiparação das melhorias concedidas aos seus colegas dos liceus, tendo achado justa a mesma pretensão, mandando requer pelas vias competentes, cujas reclamações estão sendo elaboradas por cada ministério.

Associação de Registo Civil

Sessão comemorativa dos mártires do Livro Pensamento

Conforme temos anunciado é hoje, pelas 21 horas, que na sede desta colectividade se efectua a sessão solene comemorando a morte de quatro mártires do Livro Pensamento—Heliodoro Salgado, Francisco Ferrer, general Gomes Freire de Andrade e António José da Silva (o Judeu).

Esta sessão será presidida pelo dr. Magalhães Lima, usando da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, dr. Agostinho Fortes, dr. Albino Vieira da Rocha, Ladislau Batalha, Cesar da Silva e o académico Ferro Alves.

A direcção convida todas as agremiações liberais que queiram associar-se a esta homenagem póstuma, a fazerem-se representar.

A entrada é pública

'A Batalha' na provincia e arredores

Coimbra

A carestia da vida e o preço do pão

Uma iniciativa simpática

COIMBRA, 15.—Dos géneros de primeira necessidade, é sem dúvida o pão o que se mantém num preço quasi inacessível às classes trabalhadoras.

Estando um grande número de operários de diversas classes lutando com uma enorme falta de trabalho, e vendo outros os salários muito diminuídos—uma das consequências da crise—era natural que se fôsse observado uma baixa sensível nos artigos mais essenciais à vida.

Tal não se observa, porém; mas é no pão onde se verifica uma maior disparidade, em relação a outros géneros, pois o seu preço é o mesmo que há dois anos. Contudo, o trigo e o milho sofreram uma baixa de 50 % aproximadamente e por consequência, as farinhas deviam ter melhorado em igual proporção o seu custo.

Porque se mantém, então, tão caro aquele género?

Ninguém olha para este melindroso assunto, e mal do povo se espera das entidades oficiais a solução deste problema. As autoridades só depois de muito forçadas é que se dignam volver os olhos para assuntos desta natureza. E, demais, agora, que as suas preocupações vão todas para as eleições que se avizinhão... E acima dos interesses do povo, estão de preferência os das respectivas capelinhas políticas!

Para terminar, respigamos de *A Renovação*, semanário local, este bocadinho de ouro:

«Espantoso—Os directores da Moagem «Portugal e Colónias» que em Coimbra tem sucursais na estrada da Beira e perto da Estação Nova, recebem de vencimentos mensais 3.500 escudos e a maquia que lhes coube na última gerência foi só de 700 contos a cada um.

Aqui fica quasi desvendado o motivo porque o povo come o pão caro e mau que lhe é fornecido pelos *legionários* da U. I. E.

O *Século* chamará naturalmente a estes ladrões, vítimas sacrificadas!

Um grupo de operários resolveu fundar uma agremiação excursionista, com intuito educativo e social. Propõe-se esta colectividade desenvolver entre os seus associados o gosto pelos assuntos de arte e, assim, vai realizar o seu primeiro passeio no dia 9 do próximo mês de Novembro, ao histórico convento de São Marcos, sito nos arredores desta cidade. Já convidou o illustre arqueólogo professor sr. Tomás da Fonseca para os acompanhar nesse passeio.

A nova associação, que tem, também, fins de solidariedade, pois auxilia os seus componentes em caso de doença, adoptou o título de «Grupo Excursionista 1.º de Maio».

A comissão administrativa é composta pelos operários José Lemos, João de Sousa, Armando Vieira e Manuel Luis.

Vão mosquitos por cordas entre os empresários do Coliseu de Coimbra, pois, segundo é voz corrente, descobriu-se grossa roubalheira praticada por alguns membros da gerência, atribuindo-se as principais responsabilidades a um *força-viva*, rei da industria hoteleira nesta cidade.

Claro que aquilo não há de ser nada. O negócio é rendoso e depressa o desfalque há de ser coberto, pois os *prestantes* empresários contam muito com a imbecillidade e ignorância deste povo para lhes encher as burras!

Ainda se ao menos os pobres bichos tivessem uma *folga*, enquanto os *toureiros* andam às bulhas!

Os rendimentos dos operários

Deu entrada no hospital da Universidade, com o crânio fracturado, o menor de 11 annos, António Pereira, que foi vítima dum desastre na «Cerâmica Limitada», onde andava a trabalhar.

O estado do pobre rapaz é bastante grave.

Onde está a famosa lei de protecção aos menores que veda a entrada destes nas fabricas até à idade de 14 annos?

Evora

Sessão de propaganda anti-politica

EVORA, 14.—Com uma regular assistência, effectou-se na sede da U. S. O. uma sessão de propaganda contra a doutrina expandida no comicio nacionalista por oradores daquele partido.

Esta sessão, organizada pelo N. J. S. fóra

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	1	12	19	26	Aparece às 6,49
T.	2	13	20	27	Desaparece às 17,55
Q.	3	14	21	28	
1.	5	16	23	30	FASES DA LUA
2.	6	17	24	31	L. C. dia 2 às 5,23
3.	7	18	25		O. M. » 9 » 18,34
4.	8	19	26		L. N. » 17 » 18,6
5.	9	20	27		Q. C. » 24 » 18,38

MARES DE HOJE

Praiamar às 3,09 e às 3,26
Baixamar às 8,39 e às 8,56

ESPECTACULOS

TEATROS

Politeama—A's 21,30—«O Leão das Estrelas».
Apollo—A's 21,15—«O Saltimbanco».
Maria Vitória—A's 20,30 e 22,30—«Rataplan».
Coliseu—A's 21—«Companhia de circo».
A's 14,30—«Matinée».

Salto Yoy—Animatógrafo e Variedades.
Juvenio—A's 21,30—«Irmãos» e «A Cidades».
Oll Vicente—A's 21,30—Animatógrafo.
Irenide Parque—Lôdas as noites—Concertos e diversos.

CINEMAS

Olimpia—Chado Terrace—Salão Central—Cinema
Cendes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro-
motora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-
perança—Chantecler—Tivoli—Tortoise.

CONSELHO TECNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Damos

Por menos de metade do preço, por motivo de dissolução de sociedade, todas as nossas fazendas de lá para fatos, sobretudo e casacos de senhora. Fazendas de lá para fatos em todas as qualidades, padrões e cores, desde 8550. Retalhos em boas medidas, quasi de graça

DONAS

Fabricantes de Lanifícios—Depósito de venda

a retalho (Directamente ao publico

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO

Praça da Liberdade, 115

Avenida dos Aliados, 1 e 5, e rua Fernan-

des Tomás, 392, A

TELHA PORTUGUESA

Vende-se uma porção.

Rua do Almada (à Bica), n.º 5.

convocada com o fim de a ela assistir um

dos oradores que às classes proletárias se

havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na

Associação dos Rurais, mas como nessa

noite havia reunião dos mesmos, a sessão

foi transferida para a U. S. O. onde ele não

compareceu, ao que parece em virtude de

alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão effectou-se usando

da palavra vários oradores que fizeram

um ataque violentissimo à politica nacional-

ista, assim como ao autor da lei da pena

de morte.

Foi resolvido levar a efeito um comicio

público de tribuna livre, no mesmo teatro,

no próximo dia 18, contraditando as afirma-

ções que ali se fizeram no domingo an-

tecedente.

REUMATISMO

Sifilitico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas

farmacias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blen-

orragias crónicas e recentes. Resultados

imediatos e comprovados pelo distincto mé-

dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-

rantando a sua vida, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago im-

ediatamente. Se economizar 53 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS

garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-

SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede, previdentes para com as vossas famí-

lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede -- Rua Garrett, 95

LISBOA

IMPORTANTE:

Mediante um ligeiro sobre-prémio,

A MUNDIAL põe-vos-ha ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

A GRANDE BAIXA

DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 5780

Sapatos em verniz 3880

Botas pretas (grande saldo) 4380

Botas brancas (saldo) 2880

Grande saldo de botas pretas 5080

Botas de cor para homem 4880

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com

outra casa.

Ver bem, pois só lá encontra o bom e barato.

A Social Operaria é da rua dos Cavaleiros,

18-24, com Filiz na mesma rua, n.º 93.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fábri-

ca de propagandas

deu lugar a que

simulamos hoje a

consumir em Portu-

gal limas estran-

geiras, visto que

as limas, nãas

«Touro», da En-

trepresa de Limas

União Touro Fátima, Ltd., rivalizam em preço

e qualidade com as melhores limas do Mundo.

Experimentem, pois, as vossas limas que se

encontram à venda em todas as boas estabe-

lecimentos de ferragens da páiz.

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4180

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

!! SENHORAS !!

Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar

Usai os "Ovules Sterelistrices" Z. O. L.

Enviam-se instruções pelo correio em carta fechada

A' venda no depositário geral para Portugal e Colónias—Fernando da Silva,

188, Rua da Madalena, 193, e na Farmácia Mendes Braga, 133, Rua do

Mundo, 135; Farmácia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Porto: Farmácia Central

de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 212.

AOS MARCENEIROS

BAIXA DE PREÇOS

Vendas a dinheiro

Nogueira seca, serrada em 25-55-75-90, desde 1.800\$00 m. 3

Castanho seco, serrado, em 25-55-75-90, desde 1.300\$00

Freixo seco, serrado em 1.000\$00

Cedro 1.300\$00

Amieiro 700\$00

Urmo 600\$00

Taboalinas 250\$00 D.

Ilhada, desde 800\$00

Guarnição greta e 2 filetes, desde 260 m.

Guarnição soco e grade, desde 1320

Cimalhas freijo p.ª guarda-pra- 3300

tas, desde 335 c.

Colunas de madeira para guarda- 1300

Maguetes q. 1-2-3, desde 1310

Pes de amieiro q. 5-10-12-15 1300

desde 1300

Colunas de madeira para guarda- 5300

pratas, desde 5300

Talha completa para «toilettes» 60200

2 hastas (ornato), 30200

68 — Campo dos Mártires da Pátria — 63

J. FERREIRA

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metil Auer, assim como rodadas de 2

1 pedras, impões. Vendem-se na Larga

Conde Barão, n.º 35 e quiosque.

Dirigidos por Francisco Pereira e Latta

e a casa que lora-se em melhores con-

dições.

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,

louça esmaltada, parafusos, fun-

dos para cadeiras,

— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,

cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

4, R. DO AMPARO, 86—LISBOA — TELEF. 3933, N.º 1

gramma, 2244 123 13

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49

LISBOA

TELEFONE 2554

TUDO AOS MONTES

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, India, Loanda, Moçambique Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

Freire, nem quere, preferindo

RECTAMENTE aos frequentes pelos preços de

MAIS BARATO que o que os agentes levam

a mais. AÇAM seus pedidos directos para

sem bem servidos e rápido à GRANDE FÁBRI-

CA onde se fazem essas lindas CHAPAS e

que duram para sempre e letras esmaltadas para

estabelecimentos, etc., emblemas lindos e

bonitos para Sport, clubes, medalhas para

corridos (artigos de Barão), Giletes mais baratos.

Estos de metal branco com maquina e lâminas

(Giletes 5580). Navilhas, maquinas para cortar

ouro a 1 mil, que os outros vendem pelo

dobro. Canetas, canetas de 4 rolos para

escrever, etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

repetem o numero até 12 vezes, ditos para

cheques a piquet o numero e com data, selos

em branco para as Juntas Paroquiais, clau-

reções, sinetes para lã para afeitar, etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,

etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.,



A vida e as obras de Pedro Kropotkine descritas por Adrian del Valle

Aspecto moral

A atitude que assumiu quando estalou a guerra europeia, apreciada dentro do ponto de vista estritamente socialista, pode ser tida como parcial em favor de uma parte dos contendores, os aliados. Há que ter presente, no entanto, que a sua preferência era motivada, tanto pela sua simpatia a determinadas nações, como pelo seu conhecimento do imperialismo germânico, em cuja vitória via uma reacção militarista, uma detenção na evolução progressiva da humanidade e um retardamento da revolução social. Demais, ele considerava que a agressão partiria dos germanos, que encravavam os territórios da Bélgica, da França e da Sérvia, com desejos de conquista, e de há muito vinha sustentando que os anarquistas deviam ver com simpatia os povos que lutavam pela sua independência.

Encontrando-se na Rússia, em pleno período revolucionário, o seu prazer pelo derrubamento final do czarismo e do advento de uma era nova viu-se amargurado, primeiro pelo receio de que triunfasse a Alemanha e se malograsse a revolução; depois, porque esta, monopolizada por um partido socialista governamental, não significava a realização do seu ideal. Via na ditadura do proletariado, de facto a ditadura de um só partido, o bolchevique, que estranhará a liberdade e iniciativa da massa, e previa, por outro lado, que não secundando os demais países a revolução russa, esta não poderia satisfazer todos os seus fins. Actuando conforme a sua tendência libertária, não se submeteu aos bolcheviques, e ainda os combateu em determinados casos, porém, jamais fez o jogo dos inimigos da revolução.

O comissário da educação bolchevique pediu licença a Kropotkine para publicar suas obras, em uma nova edição, que constaria de cinquenta mil exemplares de cada obra, e que o Estado lhe pagaria, como autor, dois rublos por cada exemplar. Kropotkine consentiu prontamente em que se publicassem, porém, recusou aceitar a retribuição, dizendo que não queria receber dinheiro do governo, ainda que mesmo dum governo socialista.

Quando acabamos de expor, de maneira breve e concisa, põe bem em relevo a alta personalidade moral de Kropotkine. O constante motivo da sua vida, é trabalhar pelo bem das massas oprimidas e exploração das minorias privilegiadas; seu ideal é que a humanidade, seguindo pela senda da revolução, que considera uma evolução acelerada, alcance o estado mais perfeito possível, gozando todos os seres de bem estar e liberdade. E para contribuir para a consecução de tão nobres aspirações, renuncia à sua gerarquia, ao seu título, à sua carreira militar, às considerações da corte, a altos cargos em corporações científicas;

perde os seus bens; expõe a sua liberdade e a sua vida; obriga-se a uma dura vida de trabalho e perseguições, penalidades e privações; em suma, converte a sua existência em um constante sacrifício, que realiza gostosamente, sorridente, sentindo-se suficientemente recompensado com a visão radiosa de uma sociedade livre dos dois maiores males: a miséria e a opressão.

Seu trabalho intelectual

Na tenra idade de 12 anos, começou a sua labuta intelectual, dirigido por seu mestre russo, Smirnov. Com a ajuda deste escreveu uma larga «História de média peseta» (tradução espanhola) na qual figurava um grande número de tipos, em cujo poder aquela vinha a cair.

Seguiram outras novelinhas e ensaios literários, que publicou numa revista mensal por ele editada durante dois anos, e cujos limitadíssimos exemplares confeccionava à mão.

Não era grande naquela época a sua bagagem literária, o que é natural, dada a sua idade. No entanto tinha lido dois bons autores, Ruskin e Gogol. As obras deste último, causaram-lhe tanta impressão, que nos seus primeiros ensaios tratou de imitá-lo no seu estilo humorístico. As leituras que poucos anos depois fizera na Biblioteca particular de seu cunhado e na grande Biblioteca Imperial, conjuntamente com a instrução recebida no colégio do corpo de cadetes, cimentaram profundamente a sua cultura literária e científica.

Nos seus anos de estudante, levou a cabo trabalhos de verdadeira importância: Um descritivo da feira anual de Nikolskoye, com dados estatísticos recolhidos por ele mesmo pessoalmente, incluindo as quantidades de artigos entrados e saídos; um curso completo de história medieval, que escreveu para seu uso particular; um livro de texto de física que se imprimiu para uso da escola de cadetes. Daquelles anos data também a publicação dos dois únicos números do seu primeiro periódico revolucionário, em que advogava a favor dum constituinte para a Rússia, criticava as prodigalidades da corte e punha a descoberto os abusos dos funcionários.

Terminada a sua carreira militar e destinado a Sibéria, por sua própria vontade, trabalha activamente na redacção de informes relativos à reforma das prisões e do sistema de desterro; prepara um amplo projecto de reforma municipal, que não se levou à prática, redige uma memória sobre o estado económico da Transbaikalia, em relação com uma exposição local; outra sobre as condições económicas dos cossacos de Usuri.

(Continua.)

AS GREVES

Chacineiras de Aldealega

ALDEALEGA, 16.—A greve das salchichas, vulgo chacineiras, continua com o máximo entusiasmo e firmeza.

Os patrões chacineiros continuam a apertar a intransigência e irredutibilidade em solucionar o conflito que provocaram com a sua ambição desmedida.

A um ofício que a Associação respectiva lhes enviou repudiando a redução dos salários em 25 p. c., responderam os industriais que essa redução é tanto mais justificada quanto é certo ainda concederem às operárias 25 vezes mais que o que ganhavam em 1914. Pretendendo os industriais pagar apenas 75 por hora, em vez de 1500 como até agora pagaram, calcule-se o que as desgraçadas mulheres percebiam em 1914!

Este argumento apenas significa, que estes industriais foram sempre sordidamente egoístas e ladrões, pois só o hábito tradicional de roubar escandaloso e impunemente quem os enriquece explica o seu gesto de agora.

Para estes eméritos sanguessugas—admitimos como fundamento o seu argumento—não existe o direito de as operárias poderem satisfazer as sempre crescentes necessidades.

A Associação das Operárias Chacineiras respondeu-lhes condignamente noutro ofício e as mulheres continuam mantendo um espírito de solidariedade digno de registo, que é a resposta mais formal e concludente que podem dar aos industriais.

Tendo-se suscitado uma redução apenas de 10 p. c., as mulheres transigiram demasiado e isto, ainda se deve ao facto de terem pretendido evitar um conflito que afinal sempre se deu, quando o que deveriam ter feito era recusar formalmente qualquer resolução e para isso talvez não tivessem que fazer maior sacrifício que o que estão fazendo para se manterem na transigência.

Tudo isto é o resultado da pouca experiência na luta. Contudo, se se atender a esta circunstância, o seu movimento é dos mais esperançosos e já se divisa um triunfo. Bastante industriais confessam a vontade de que o conflito tenha a solução proposta pelas operárias. Mas há sobretudo uns dois ou três de entre eles, que são dos mais fortes, que estão exercendo uma pressão constante sobre os restantes e de tal modo que a maior parte deles não se decide a romper.

E' que—ao que se diz—os dois ou três potentes da indústria de salchichas pretendem por este meio arruinar os pequenos industriais para tudo poderem assambarcar em seu exclusivo benefício.

Esta greve é por eles utilizada como um gládio contra a concorrencia que por ventura lhes possam fazer no mercado.

O facto de alguns dos pequenos transigirem e aceitarem a proposta das operárias fundamenta-se em parte no reconhecimento dos baixos desejos dos potentes. Resta saber se os restantes consentirão em estar envolvidos naquele embroglio que contra eles é.

Ontem deveriam reunir as direcções dos sindicatos operários locais para se pronunciarem sobre a solidariedade a prestar às grevistas, as quais, de resto, mantêm-se resolutamente firmes e decididas a vencer a sua justíssima causa.

Oxalá que assim seja, pois se perderem este movimento o resto do industrialismo local ganhará coragem de proceder de igual modo com as demais classes.—E.

Quadro tipográfico de «A Epoca»

Apesar das demarches encetadas pela Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, para solucionar o conflito existente entre o quadro tipográfico de A Epoca e o chefe deste, não foi possível modificar a atitude da empresa, em mantê-lo à frente da tipografia, quando todo o pessoal está incompatibilizado com ele, o que é reconhecido pela própria empresa.

De há muito que entre o pessoal lavrava um certo mal-estar, devido à irregularidade do sr. Figueiredo, que prejudicava os operários nos seus interesses. Esse mal-estar foi agravado anteontem, com umas ordens daquele que o pessoal desejou ver esclarecidas, combinando para esse efeito uma reunião, a que o sr. Figueiredo faltou, irritando os ânimos, só comparecendo às 0 horas.

Neste momento foram explicados os motivos porque o quadro se recusava a trabalhar com o referido chefe, apresentando-lhe o quadro uma maneira conciliatória de evitar um conflito.

O movimento é entre o quadro e o chefe, encontrando-se aquele disposto a não transigir, pois reconhece que com o actual chefe não poderá existir a boa harmonia e disciplina tão necessária nas oficinas.

Constando que a empresa pensa em recrutar tipógrafos em Lisboa e na provincia para trabalhar no jornal A Epoca, a Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares exorta todos os compositores tipográficos a prestarem a sua solidariedade, não aceitando qualquer convite para trabalhar naquele jornal sem que o respectivo sindicato o determine.

Os três deportados fugidos já foram recapturados

A imprensa noticiou há dias a fuga, de Cabo Verde, dos deportados João Ferreira, Mário Fontinhas e José Soares. Não nos pareceu verosímil essa fuga, visto que ela representava uma perigosa audácia, de difícil êxito para quem a empreendesse. Pensamos que se tratasse de mais um dos muitos boatos que acerca dos deportados têm corrido.

E, porém, verdadeira a notícia. Numa âns natural de liberdade aqueles deportados, revoltados contra a situação ilegal, iníqua em que os mantêm, resolveram fugir, embarcando clandestinamente no vapor Africa.

Foi ontem recebido, na secretária do Interior, um telegrama do governador civil do Funchal dizendo que haviam sido presos. Segundo ordens transmitidas àquela autoridade os presos voltam para Cabo Verde no primeiro vapor em que seja possível fazê-los seguir.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Uma exortação aos fabricantes de calçado

A Federação dos Operários da Indústria do Calçado Couros e Peles exorta os seus componentes a resistir à baixa de salários, enviando a todos os sindicatos a seguinte circular:

«Caros camaradas:—A Federação da vossa indústria chama a atenção desse Sindicato para a pretensão dos industriais, obreiros e feitores, em querer baixar o preço da mão de obra. O argumento apresentado por esses senhores para conseguirem os seus desígnios é de que não há quem compre o calçado por preço de obra sair cara, argumento este que não é verdadeiro, pois que quando o operário recebe melhor salário maior abundância de trabalho existe; o que esses exploradores têm em mira é aproveitar a crise existente, forçando-a ainda mais, para reduzir o preço da mão de obra e assim fabricar mais barato armazenando para depois de desaparecida a crise fazer valer a baixa, pois que nesse momento podem resistir aos seus operários por terem fabricado fabricada pronta a satisfazer os pedidos, com a garantia de que esses fornecedores lhes deixam maiores lucros, os quais foram extorquidos ao labor dos operários com a baixa de salários.

Pode ser que muitos dos operários que já aceitaram a baixa na mão de obra, digam que o fizeram porque não podiam viver fazendo dois ou tres pares por semana; deve ser assim, mas a verdade é que tanto ou quasi tanto ganha o operário que fez três pares a 25000 preferendo um total de 75000, como fazendo cinco a 13800 que prefaz um total de 90000 que dá a diferença de 1500 por semana, isto enquanto o patrão não tiver os seus stocks completos porque disso dispõe o e, então, nem dois nem cinco; acontecendo que se os operários não tomassem uma atitude enérgica recusando-se a trabalhar por menos salário a crise aumentaria, os salários diminuirão à expressões mais simples e a miséria nos nossos lares será certa.

E' pois pelo que acima fica dito que a vossa Federação vos aconselha a que empregueis uma forte resistência contra a baixa de preço na mão de obra lembrando-vos ainda que quanto maior for a produção em tempo de crise, mais essa crise se agrava tornando-a duradoura.

Esperando que esse Sindicato tenha na máxima consideração a presente circular, desejamos Saúde e Solidariedade.»

S. U. da Construção Civil de Lisboa

São prevenidos todos os socios deste Sindicato, que está aberta a inscrição para operários sem trabalho, todos os dias úteis das 9 às 11 horas, podendo também inscrever-se novamente os associados que, estando inscritos anteriormente, faltaram à chamada do dia 15 do corrente e que por tal motivo, conforme publicação feita em A Batalha, lhes foram cortados os nomes da respectiva lista de inscrição.

Para efeito de colocação são convidados os canteiros sem trabalho inscritos, a comparecerem hoje pelas 12 horas, na sede do Sindicato.

Manifatores de Calçado de Faro

FARO, 16.—Reuniram ontem a classe dos operários fabricantes de calçado, para apreciar a marcha do movimento, constando-se a mesma vontade de prosseguir na luta como nos primeiros dias.

Foi apreciada a forma habilidosa como os industriais vendem o calçado à máquina, iludindo o público, fazendo acreditar que as obras são executadas manualmente, para assim poderem explorar ainda mais o povo.

A classe resolveu publicar um manifesto iludindo o público.

Depois de serem apreciados mais alguns factos foi aprovada uma moção criando o Conselho Tecnico, solicitando auxilio de associações de classe e operários para a sua manutenção.

A nomeação para o Conselho Tecnico coube a Francisco do Nascimento, Francisco Xavier Pereira Júnior, Faustino da Encarnação, Joaquim Braz, António de Sousa Lopes, Francisco Zeferino e José Roque.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Bombeiros Voluntários de Lisboa

Na sua sede, largo do Barão de Quintela, a benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa realiza hoje uma tocante festa em homenagem ao seu ex-comandante Guilherme Cossou, o precursor da instituição dos bombeiros voluntários em Portugal. Será descerrada uma lápide em homenagem a esse valoroso bombeiro, às 14 horas.

Foram convidadas várias individualidades a abrilhantarem o acto.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

Bombeiros Voluntários de Almada

Realizam-se hoje, na vila de Almada, as festas comemorativas do 12.º aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Almada. Haverá alvorada, sessão solene e concerto pela Sociedade Incrível Almadaense.

Apareceu o sequestrado

Alto operário alfaiate Artur Fernandes Teixeira que, como anteontem referimos, se encontrava sequestrado pela policia em sitio desconhecido, foi-lhe levantada a incomunicabilidade e tornou conhecido o seu paradeiro. Encontrava-se e ainda se encontra na esquadra de Arroios, onde o negaram à sua companhia que o procurou para, pelos menos, lhe fornecer roupas.

Pede-nos esse camarada que brademos a sua inocência, visto que o acusam de ter participado do atentado dinamitista contra a residência do tenente sr. Jorge de Carvalho, podendo provar com testemunhas que, no momento da explosão, estava muito socegado no Café 5 de Outubro.

Aqui fica o seu protesto; mas, talvez que a policia, empenhada em inventar «legionários», não o queira ouvir e, muito embora sabendo-o inocente, o continue a torturar com a orisio.

Contra o assalto à C. G. T.

Grupo Anarquista «A Plebe»

O grupo anarquista «A Plebe» enviou-nos o ofício que a seguir reproduzimos:

«O grupo anarquista «A Plebe» levanta o seu mais veemente protesto contra o assalto que um bando de facinorosos legalistas que, para maior vergonha dumas instituições intituladas de democráticas, estava encarregado de manter a ordem, fez a altas horas da noite, numa fúria de verdadeiros apaches à sede da Confederação Geral do Trabalho, de A Batalha e de outros organismos operários, destruindo mobiliário, rasgando documentos de alto valor estatístico e roubando dinheiro.

E levanta com tanta mais veemência o seu protesto contra ele, quanto é certo o mesmo provar, dum maneira que não admite dúvidas, que a policia, essa odiosa corporação que, muito odiando os «legionários vermelhos», os perseguiu ferozmente, é muito mais perigosa do que esses tais «legionários vermelhos», porque pode praticar os maiores crimes à vontade e impunemente!

«Ao mesmo tempo que levanta o seu veemente protesto, o grupo anarquista «A Plebe» manifesta a sua mais estreita solidariedade à C. G. T., à Batalha e a todos os organismos operários que foram vítimas do selvático assalto.»

Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste

BARREIRO, 10.—Os ferroviários, reunidos ontem em assembleia geral extraordinária, aprovaram o seguinte protesto:

«A classe ferroviária do Sul e Sueste reunida em assembleia geral extraordinária protesta contra o assalto levado a efeito pela policia à C. G. T., resolvendo enviar nesse sentido, ao presidente do ministério, um telegrama e dar conhecimento à C. G. T. e à Batalha do protesto aprovado.»—C.

Conselho Inter-Federal dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

O Conselho Inter-Federal dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares do Norte protesta enérgicamente contra o assalto realizado ao jornal A Batalha e que se deu conhecimento pela imprensa deste atropelo cometido pelas autoridades que não respeitam a liberdade de imprensa, violando assim Constituição da República.

Enviaram-nos também protestos contra o assalto a Associação da Construção Civil de Ponte e Sor e a Associação de Classe dos Rurais de São Mangos.

—A Associação de Classe da Construção Civil e Artes Correlativas de Parede e Arredores, aprovou um protesto contra o assalto feito no edificio da C. G. T. pela policia.

Em torno do «milagre» de Fátima

Carta aberta a Mário de Sousa Menezes

Quando ontem, em plena avenida da Liberdade, me contaste as tuas impressões da peregrinação a Fátima, fiquei surpreso, como tu—bom simpatisante do padre Sousa Ramalho—ainda acreditas nessa panacea. Eu supuz após a convivência que tivemos em caçadores 5, que essas ideias íntimas—que trouxeste de Vouzela—tivessem desaparecido completamente!

Certamente foste a Fátima penitenciar-te daquelas irreverências que cometemos na vida militar, quando fomos ao Mundo e a casa do Franço Borges, mostrar-lhes a qualidade do rancho e outras coisas, lembradas-te?

Certamente foste a Fátima—não sei se de joelhos—para te penitenciar de aquele grande pecado que cometeste nos correios, quando te solidarizaste com os grevistas da União Fabril...

Sobretudo o que mais me interessou do nosso encontro na avenida da Liberdade, não foi a tua ida a tão piedosa romagem—estou comovido—nem os motivos que lá te levaram, mas os resultados que alcançaste, porque confesso que, quasi lá aderindo àquela dose de propaganda de fé que me impingiste, propaganda tão bem feita e, «subsistente até», quando me afirmaste que os deportados da Guiné também tinham uma fé religiosa!

C'rou resultados de tão santa viagem, trouxestes fé, se é que não levaste, e, trouxeste, também, uma panela com água que era, segundo disseste, para ofereceres ao chefe da tua repartição na companhia das águas, onde és empregado!

Notaste, certamente, o meu pasmo quando me contavas todas as tuas impressões especialmente quando me garantiste que essas romagens não eram simplesmente para velhos, sacristões ou patetas e não te supunha englobado em qualquer destas categorias.

Mas disseste-me também, que a água que lá tinhas bebido, te tinha feito muito bem; nesta parte estamos de acordo, porque qualquer água é sempre melhor do que aquela que nos fornece o ditador dos mesmos, Carlos Pereira, e isto mesmo sem necessidade de ir buscá-la tão longe!

Vejo, pois, que foste um mau discípulo que regressaste onde tinhas vivido, isto é, à crença religiosa. Se assim é, aviso-te como bom amigo, que já mais adiras a greves como a da União Fabril, nem cometas actos de rebeldia porque podes cair desapaesadadamente nas iras do Senhor!

Eu sei que é difícil fugir-se à propaganda que a reacção por todos os lados desenvolve e principalmente áqueles—que como tu—foram educados, ou viveram num ambiente de sacristia, mas não supunha pelo menos que tu vivendo em Lisboa o tempo da propaganda republicana e até libertária, volvidos dezoito anos regressasses aos teus tempos primitivos! E foi na Avenida da Liberdade—que paradoxo—que me contavas maravilhas, os teus progressos negativos...

Quanto a resultados práticos para ti, também não os vejo, mesmo que lá tivesses ido para te lavares dos pecados que citei. Agravaste mais ainda a tua situação no regresso, porque disseste que não trazias medalhas da santa para toda a gente das tuas relações, por que eras muito caros; logo aqui outro pecado, porque não se pode dizer que os objectos vendidos nos estabelecimentos do senhor sejam caros!... Teu amigo Alberto Monteiro

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Comissão instaladora

Reúne amanhã, pelas 21 horas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Compositores Tipográficos—Pelas 14,30 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação do parecer da comissão encarregada de elaborar um trabalho «sobre greves gerais e suas anomalias» e respectivas alterações propostas pelos quadros dos jornais em reunião de delegados efectuada em 9 p. p.

Manipuladores de Pão—Pelas 17 horas, em assembleia geral, para se ocupar do descanso semanal, da proibição pela Companhia de os caixeiros poderem ficar em casa e outros assuntos.

S. U. da C. Naval do Distrito de Lisboa—Pelas 12 horas, juntamente com os Serradores da Construção Naval, S. U. da C. Naval da Margem Sul do Rio Tejo e Calafates de Lisboa para eleição dos corpos gerentes, sendo o local da reunião na rua dos Poais de São Bento, 61, 1.º, direito.

Profissionais de Imprensa—Para continuação dos trabalhos, às 16,30 horas.

DIAS PRÓXIMOS:

Litógrafos e Anexos—Amanhã, pelas 18 horas, no sindicato, o pessoal da Litografia Barrault para apreciar a crise de trabalho que há meses se faz sentir nesta officina e tomar deliberações atinentes a debelá-la.

Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares—Na terça-feira, pelas 18,30 horas, o Secretariado.

Federação Metalúrgica—Na próxima terça-feira, pelas 20 horas, o Conselho Federal, sendo a ordem dos trabalhos o seguimento da última sessão: a posição do delegado de Evora ao Conselho Federal.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação—Conselho Federal—Reúne amanhã, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º, Relatório do delegado ao Congresso Confederado; 2.º, idem da Conferência de Santarém; 3.º, Exposição da Comissão Redactorial sobre a saída do Despertar; 4.º, Congresso Juvenil; 5.º, Assuntos diversos.

Pede-se aos Núcleos que ainda não enviaram as credenciais dos seus delegados ao Conselho a fazê-lo com urgência para não protelar a regularidade de reunião do mesmo.

Núcleo de Lisboa—Secretariado Central—Reúne depois de amanhã, pelas 20,30 horas, tomando posse os camaradas nomeados na última sessão da assembleia geral para ocuparem os cargos vagos.

Assembleia geral—Prosegue na próxima quinta-feira pelas 20 horas.

Secção Mobilitária—Pede-se ao camarada que tem em seu poder o expediente da Secção que o entregue amanhã, pelas 20 horas.

INSTRUÇÃO

Foram louvados em portaria: o professor das escolas de Lisboa, sr. José Pires Marques, por ter dirigido voluntariamente e com a maior dedicação e proficiência, a colónia de férias instalada na Quinta de Santo Eloy, em Paia, sustentada pela Câmara Municipal de Lisboa; a junta de freguesia de São Nicolau, do Porto, por ter tomado a iniciativa de proporcionar às crianças das escolas da mesma freguesia o tratamento de banhos de mar, fornecendo-lhes ainda roupas, merendas, etc.; os corpos gerentes do grupo dramático «Os Combatentes», por terem criado na sua sede uma escola primária.

Gaiteiros de Lisboa

Na sede desta prestimosa associação, iniciaram-se as matrículas para o Curso Elemental do Comércio e para Instrução Primária.

Os empregados no comércio, matriculando-se nas referidas aulas, demonstram ao patronato uma das muitas vantagens da humana lei das oito horas.

A direcção e a comissão de instrução atendem os associados ou qualquer empregado no comércio, todos os dias úteis, das 21 às 23 horas.

Pré-biblioteca dos Mineiros

O Sindicato dos Operários da Indústria Mineira de São Domingos, no prosseguimento da grande obra de propaganda e organização que originou a sua constituição há pouco mais dum ano, resolveu montar convenientemente, na sua sede, uma biblioteca que realize a obra de preparação revolucionária tão indispensável.

Não chegam, porém, os escassos vencimentos dos operários para dar curso a esse tão grande empreendimento. Necessitam que os amigos de outras localidades os venham auxiliar. Pedem pois, a todos os amigos dos mineiros, que lhes ofereçam livros.

Os candidatos a alunos da Escola Veiga Beirão

A comissão dos encarregados de educação dos 150 candidatos a alunos da Escola Commercial Veiga Beirão, que há um mês se tem avistado, por várias vezes, com o ministro da Instrução e do Comércio e respectivos directores gerais do Ensino, aguardando impacientemente a solução prometida, resolveu, dada a impossibilidade de efectuar a matrícula na Escola Rodrigues Sampaio, por esta a ter limitado a 1000 alunos, procurar novamente, amanhã, o ministro da Instrução, a fim de que seja definitivamente dada uma solução, a qual será comunicada a todos os encarregados de educação, pelas 21 horas, na Escola Veiga Beirão.

Abertura de matrículas

Na Associação de Classe dos Empregados Menores do Comércio e Indústria de Lisboa, estão abertas as matrículas de instrução primária todos os dias úteis, das 21 às 24 horas, para socios e seus filhos.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

SOLIDARIEDADE

Um apêlo da sub-comissão Pro-José Pires de Matos

A sub-comissão de auxilio a este dedicado militante revolucionário, encontra-se numa situação bastante critica.

José Pires de Matos, cujo estado de saúde melhorara consideravelmente, nos últimos tempos piorou, sendo obrigado a retirar-se da localidade onde se encontrava e regressar a Castelo Branco. O médico assistente prescreveu-lhe um tratamento e um regime rigorosíssimos que teve que seguir.

A sub-comissão encontra-se sem recursos e com um grande deficit e por isso se dirige a todo o proletariado, a todos os grupos anarquistas e a todos os revolucionários para que a auxiliem na sua missão.

Todos os Sindicatos, grupos revolucionários e organismos que receberem circulares e que ainda não responderam devem mandar quanto antes a sua contribuição.

A todos os camaradas revolucionários pedimos que abram imediatamente quotas nas fabricas, officinas, escritórios e em todos os lugares de trabalho, enviando rapidamente o seu produto a fim de não deixarmos tomar este camarada.

Igualmente pedimos a realização de festas veladas sociais em prol deste revolucionário. A sub-comissão de auxilio, espera, que todos saibam compreender a gravidade da situação e correspondam urgentemente ao seu apêlo.

Toda a correspondência e valores enviar para: José Vilhena, Associação dos Corticeiros—Castelo Branco.

Lista de donativos recebidos por esta sub-comissão:

Transporte, 1.154\$00.—Comissão Central de Lisboa, 100\$00; Manuel da Costa Godinho, 5\$00; Ernesto Pereira, 1\$00; Belmiro Correia, 1\$00; Gaspar dos Santos, 1\$00; que se aberta no Congresso Confederado, 111\$00, idem na Fábrica de Polvora de Barcelona, 40\$50; a transportar, 1.418\$00.

Foi entregue a Adelaide dos Anjos pela comissão administrativa da Secção Sindical da Construção Civil de Belém a quantia de 48 escudos, proveniente duma quete tirada no Novo Manicómio em auxilio de Abel Ribeiro de Almeida, já falecido.

José Marques, na assembleia geral da Secção de Belém, declarou, por lapso, ter recebido para a família do individuo acima referido a quantia de 84 escudos quando era de 48, conforme nota de Adelaide dos Anjos.

Uma injustiça

O operário José Vasco Fernandes é um dos sinistrados da companhia de seguros «Lex». No domingo passado, por a lei nesse dia não garantir o subsidio aos sinistrados dos desastres de trabalho, ausentou-se de casa, exactamente a hora em que o fiscal da companhia ali foi. Este como o não encontrasse em casa deu a respectiva parte, e ao Fernandes foi cortado o subsidio, só recebendo daquela companhia o auxilio medico, por ainda estar doente.